

A NOVA REALIDADE LABORAL DO TELETRABALHO FOI TEMA DE *debate*

Num painel relativo ao teletrabalho, antes, durante e pós covid, Nuno Cerejeira Namora, advogado e sócio da Cerejeira Namora, Marinho Falcão, Joana de Sá, sócia da PRA, e Protásio Leão, Corporate Human Resources Director da Rangel Logistics Solutions, deixaram algumas notas e alertas para o futuro. A moderação ficou a cargo de Mariana Araújo Barbosa, diretora executiva da Pessoas.

Com a pandemia Covid-19, o teletrabalho passou a ser adotado por grande parte das empresas em Portugal. Uma realidade que impôs novos hábitos e rotinas. “As pessoas estavam habituadas a trabalhar nos seus postos de trabalho em contexto empresarial”, referiu Protásio Leão.

Para o Corporate Human Resources Director da Rangel Logistics Solutions o grande desafio subjacente a esta realidade foi o tecnológico. “É diferente gerir equipas em contexto teletrabalho ou em contexto empresa”, acrescentou.

Segundo Protásio Leão, o teletrabalho provoca constrangimentos de algum isolamento e de pouca proximidade com os colegas chefias e empresa.

O sócio da Cerejeira Namora, Marinho Falcão revelou que antes da pandemia já havia 10 a 11% de empresas em Portugal a trabalhar em teletrabalho, mas só 2% a tempo inteiro. “Acho que vai continuar a ser um nicho pequeno o de trabalhadores e de empresas que trabalharão em teletrabalho a tempo inteiro”, explicou Nuno Cerejeira Namora.

O advogado considera que a grande maioria do tecido empresarial português

“Há muito trabalhador avesso ao teletrabalho”

Nuno Cerejeira Namora,
sócio da Cerejeira Namora,
Marinho Falcão

não comporta este modelo de trabalho e que existem muitos trabalhadores “avesos” a trabalho remoto. “No pós-pandemia quanto muito estaremos a falar em 50% das nossas empresas que poderão trabalhar em teletrabalho”, acrescentou.

Já a sócia da PRA, Joana de Sá, não tem dúvidas que o novo modelo de teletrabalho não tem nenhum suporte a não ser o

das empresas e que no futuro os regimes serão tendencialmente mistos. “Estou convencida que empresas e trabalhadores vão ter de se alinhar”, referiu.

Segundo a advogada, o tema do desligamento é muito importante e necessita de ser abordado e discutido.

No que concerne à gestão da produtividade dos trabalhadores, Protásio Leão

“A grande maioria do nosso tecido empresarial não comporta o teletrabalho”

Nuno Cerejeira Namora,
sócio da Cerejeira Namora, Marinho Falcão



“As pessoas em casa começam a ter agendas muito preenchidas”
Protásio Leão,
Corporate Human
Resources Director da
Rangel Logistics Solutions



“Não tenho dúvidas que a primeira grande fatura está a ser paga pelas empresas”

Joana de Sá,
sócia da PRA

referiu que na empresa gerem a mesma através da gestão de projetos.

Já Nuno Cerejeira Namora considera que a produtividade mede-se por objetivos, resultados, metas e “não através de meios introduzi-vos, nomeadamente câmaras”. “É preciso criar fronteiras entre o trabalho e a empresa, e descanso e o trabalho”, acrescentou o sócio da Cerejeira Namora, Marinho Falcão.